

Carta a Uma Senhora

Exma. Sra.

D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto
Comissão do Bem-Estar Social

Senhora —

Estou certo de que não conheceis a minha obscura pessoa: não sou visível com muita frequência nos palácios em que a senhora cresceu e tem vivido. Podeis ficar certa, senhora, que em me não conhecer nada perdeis. Mas também nada perdereis em me ouvir, ou ler. Não vos tomarei muito tempo; sei que o vosso é curto

Não devo esconder, para começar, que sempre tive — e tenho — pela senhora esse respeito comovido que a gente da plebe sente pela filha do Rei. Mesmo sem contar os vossos dotes de beleza e de espírito, bastaria para mim esse encanto natural que exorna, para as pessoas de minha (triste) condição, uma jovem que tem todos os direitos de usar o título, entre todos sedutor, da princesa do Brasil.

Ora, acontece, minha Senhora, que até hoje tendes feito política da maneira discreta, como fazem as damas — sussurrando e murmurando coisas ao ouvido dos homens que mandam, e desmandam. Vosso poder, ao que se diz, tem sido grande, e jamais diminuiu por ser discreto. Hoje, porém, vindes enfrentar as luzes da vida pública, presidindo uma Comissão onde falastes dos problemas dos camponês deste Reino; e agora nessa Comissão do Bem-Estar Social, onde tendes assento, e nós, os pobres, temos a nossa esperança.

Coisa grave é, Senhora, a esperança. Muitas acendeu o senhor vosso Pai, e sabeis quão amargas resultam quando se frustram, e perdem. O nome dessa Comissão não é um nome, é uma Bandeira de Esperança. Mas é preciso, contar, Senhora, com a maldade das línguas do povo; já há quem murmure que neste país "bem-estar" é o nome de uma Comissão. Sofro horrendamente em vos dizer a verdade, mas a verdade, Senhora, é que o povo está mal. Já se diz que, se foi preciso criar no Governo uma Comissão de Bem-Estar, isso quer dizer que os outros serviços do Governo não cuidam disso, quando seria de esperar que todos cuidassem só disso, e mais de coisa alguma. Sabemos, agora, que metade dos lucros das companhias de seguro irá para a Comissão. Como ireis aplicar tamanho dinheiro? Temos o Ministério da Educação e Saúde, e as Secretarias, e os Institutos, e os Serviços Sociais, e mais não sei quantos departamentos e comissões e fundações e instituições públicas e particulares de assistência que protegem o povo com tanto afã que seus chefes vivem a se atropelar quando correm em socorro do pobre. Temos o Ministério do Trabalho, temos leis sociais esplêndidas — as melhores do mundo, como dizem as pessoas que não conhecem nem o mundo, nem as leis. Para que tanto dinheiro para essa Comissão? O perigo, Senhora, é vir algum má língua dizer que esse dinheiro será gasto em fazer benemerências que ajudem ambições. Vemos na Argentina a senhora Eva Perón fazer ao mesmo tempo caridade e propaganda, o que é feio. E se aquela senhora, que é Rainha, faz isso, que não fará uma que é Princesa e pensa em chegar a Rainha?

Este, Senhora, não é raciocínio meu. E' maldade que por aí se bacoreja. Já esse má língua que é o sr. Rafael Corrêa de Oliveira afirma coisas ruins. Esse senhor Rafael, é bem verdade, não tem importância. Fazei com êle, Senhora, o que faço, que é o não ler. Mas não é melancólico e injusto que vos sacrifiqueis em trabalhos e canseiras para, ao fim, serdes tão mal interpretada pela ignara plebe?

Eis o que, Senhora, eu vos tinha a dizer — e perdoai alguma má palavra.
Súdito inútil

RUBEM BRAGA

— ESTOU CHEGANDO DE MOSCOU (CONTINUAÇÃO)

NÃO EXISTE A U. R. S. S.

As iniciais U.R.S.S. tão conhecidas, não existem, porém, na Rússia. Os russos falam cerca de 120 idiomas e dialetos e representam 72 nacionalidades agrupadas em 16 Repúblicas, sendo a mais importante, sem dúvida, a República Socialista Federativa Soviética da Rússia, tendo Moscou como capital, seguindo-se a Ucrânia, Bielorrússia, tão impledosamente destruída pelos alemães, Morávia, Letônia, Turcomenia, Arménia, Estónia, etc., num total de 200.000.000 de habitantes. Em todos os idiomas, entretanto, não existem as iniciais U.R.S.S., as quais aparecem como C.C. C.P. Não foi sem razão que dissolveram a C.C.P. no Brasil...

NO HOTEL

Ao passar pelo Kremlin, com as suas torres de rubis desafiando o mundo, lancei um olhar para o passado e, numa romaria sentimental, vi o meu pai, presidente do Sindicato dos Barbeiros do Ceará, tentando compreender o marxismo, na palavra de um padre.

Eis-me no hotel, um estabelecimento de 3.^a classe, na Praça Vermelha, próximo ao Kremlin. O meu apartamento tem três peças. Uma sala com poltronas, um escritório, o quarto de dormir com móveis antigos, porém bem conservados e limpos, colchão de mola, banheiro com duchas, etc..

A organização do hotel é a seguinte: no hall, próximo da escada de mármore, funciona a portaria, vendendo-se um tinteiro quebrado. E' a peça jogada ao chão pelo conhecido diplomata Soares de Pina, que tomou um pileque em virtude do qual o Brasil rompeu relações com a Rússia.

Cada andar tem um escritório auxiliar e no corredor vê-se uma mulher sentada. 95% dos empregados, inclusive o gerente, são mulheres.

Após um banho escaldante, abri o meu diário e escrevi:

"E' bem possível não dormir hoje. Estou exausto da viagem e sobretudo emocionado. Dormir ao lado do Kremlin, depois de furar a propalada "Cortina de Ferro", sem esquecer a outra "Cortina", a polícia do Brasil, até parece mágica".

Desci para o salão de jantar, cujas mesas cobertas por alvas toalhas de linho, com serviços de cristal, talheres de prata, oferecem uma nota de gosto na sala cheia de lustres, tapetes e cortinas. Dois quadros, apenas, ornamentam as paredes. Lenine e Stalin. Aos meus olhos uma equipe de garçons de smoking e de garçonetes vestidas de verde, louras, unhas polidas, bem pintadas, enfim, demasiado belas para um mestiço brasileiro.

O russo não tem pressa para comer. Daí ficar uma hora esperando pelo primeiro prato. O menu foi o seguinte: caviar, frios, peru e uma quantidade incrível de doces e queijos, com chá e café. O café era brasileiro.



As crianças são iguais no mundo inteiro

— Do Brasil? — indaguei.

O "maitre" respondeu:

— "Compramos por intermédio da Inglaterra".

O fato é bem conhecido, pois foi denunciado pelo Escritório Comercial do Brasil em Londres, que mencionou os nomes dos navios que receberam o produto brasileiro, levando-o para a Rússia. Daí, com tão bom intermédio, o nosso café, na Rússia, custar 58 rublos. Cada rublo vale cinco cruzeiros.

NA OPERA

Fui ao "Grande Teatro Nacional", assistir à ópera "Sadko", baseada numa fábula russa e que tem como enredo um romance de amor, num povoado de pescadores. O autor é Rimsky-Korsakov e os principais artistas, como Nelpe, Lemeshei, Shpiller, têm o "Prêmio Stalin". Lemeshei, a coqueluche de Moscou, voltou à cena, 13 vezes. Apenas...

No teatro ricamente decorado, predominando a cor vermelha e com seis galerias — lembrando o nosso velho Fenix, não vi um vestido decotado, uma jóia digna de registro. A maior simplicidade possível. Gente do povo, militares, estrangeiros, ombro a ombro nos corredores. Os russos, entretanto, de ambos os sexos, fazem questão de mostrar as suas decorações. Um detalhe, todavia, chamou a minha atenção. A presença de jovens operários num teatro por cuja cadeira, na primeira fila, paguei 33 rublos ou sejam 165 cruzeiros!

— E como um operário que ganha, em média, 35 rublos por dia, pode ver o "Sadko" e outras óperas?

— Não esqueça — disse-me o tradutor — que o camarada pagou 33 rublos por um dos melhores lugares. O teatro tem cadeira a partir de 3 rublos.

O teatro russo será objeto de uma reportagem.

Já na rua, com 10 graus abaixo de zero, procurei ver a vestimenta do povo. O russo, de um modo geral, ves-

te-se modestamente, porém, o suficiente para enfrentar o frio. Predomina a cor escura, principalmente nos pesados capotes. O gorro de pele, tão característico do russo, substitui o chapéu de massa do Ocidente.

APENAS UM "LUNCH"

No hotel, de regresso da Ópera, tive duas surpresas: o meu filho enviara um telegrama, furando a "Cortina de Ferro" pelo Morse... E o jantar, servido antes do teatro, fôra, apenas, um lunch. Fiquei no salão e vi, então, que em matéria de alimentação, o russo é igual ao belga. Come e bebe pelos cotovelos. O cardápio constava de quatro pratos, inclusive a sopa nacional conhecida por Borsch, à base de repólio e do infalível pepino salgado.

E assim termina o meu primeiro dia em Moscou, quando manifestei desejo de conhecer as escolas, mercados, fábricas, igrejas e casas habitadas por operários, etc.. E' o que contarei na próxima reportagem.

Acontece, que depois do jantar, não fui para o apartamento. Dei um giro pela rua Gorki, que lembra a Presidente Vargas e comprei um gorro russo, luvas e um capote. Ademais, um gorro é indispensável às fotografias, para cor local... Escrevi esta reportagem de madrugada e ao levar a correspondência para o correio, passei por uma agência de turismo e murmurei:

— Turismo, na Rússia!

Entre no estabelecimento a pretexto de pedir informações sobre uma viagem a Leningrado e perguntei, num francês aprendido à toque de caixa:

— Conhece em Moscou alguma igreja católica?

— "Um momento, camarada".

O empregado abriu um livro, uma espécie de guia e respondeu:

— "Existe uma à rua Malaya Zubyanka, 12".

Em outra reportagem contarei a visita que fiz a essa igreja na Sexta-feira Santa.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

A Procissão do Senhor Morto em Moscou ☆ O Túmulo de Lenine e o "Metro" ☆ A Mulher e a Família Russa